

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL

BOTICAS NO TECTO DO MUNDO

Manifestações Artísticas da 2ª Idade do Ferro
Séc. IV/V a.C. ao Séc. I



08 de MAIO a 07 de JUNHO 2009

Paços do Concelho

Exposição Internacional

BOTICAS NO TECTO DO MUNDO

MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS DA 2ª IDADE DO FERRO
Séc. IV/V a.C. ao Séc. I

Câmara Municipal de Boticas

Boticas. 2009

Título: Boticas no Tecto do Mundo
Manifestações Artísticas da 2ª Idade do Ferro
Séc. IV/V a.C. ao Séc.I

Iniciativa: Câmara Municipal de Boticas

Instituições representadas: Câmara Municipal de Boticas
Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso
Câmara Municipal de Montalegre
Câmara Municipal de Tabuaço
Câmara Municipal de Santo Tirso
Museu Nacional de Arqueologia - Lisboa
Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa – Braga
Sociedade Martins Sarmento – Guimarães
Museu Municipal Abade Pedrosa - Santo Tirso

Comissariado: Francisco Sande Lemos
Carla Maria Braz Martins
Paulo Sá Machado

Montagem Exposição: Oscár Lucas
Serviços Operativos da CM Boticas

Grafismo e Impressão: Gabinete de Comunicação e Imprensa da CMB

Edição: Câmara Municipal de Boticas

Data: Maio 2009

BOTICAS NO TECTO DO MUNDO

COLÓQUIO INTERNACIONAL “NAS ALTURAS DOS CELTAS?” E EXPOSIÇÃO “MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS NA 2ª IDADE DO FERRO”

Volta Boticas a estar no “Tecto do Mundo” cultural português com mais duas realizações que por certo marcarão uma nova etapa para o engrandecimento e enriquecimento da Cultura Portuguesa.

Vão estar presentes entre nós algumas das mais conceituadas autoridades científicas mundiais, especialistas de Espanha, Alemanha, França, Austrália, para além de Portugal.

Prosseguindo a linha traçada e correspondendo às solicitações pertinentes, aquando das Conclusões do Colóquio Internacional “Guerreiros Castrejos – Deuses e Heróis nas Alturas do Barroso” que constituiu um autêntico êxito, a par da extraordinária exposição de Guerreiros Castrejos, e tendo perfeita consciência da sua importância vai a Câmara Municipal levar a efeito o Colóquio Internacional “NAS ALTURAS DOS CELTAS?”, nos dias 8, 9 e 10 de Maio, assim como a Exposição “MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS NA 2ª IDADE DO FERRO” que decorre de 8 de Maio até 7 de Junho, no átrio da Câmara Municipal, que por certo vai atrair não só estudiosos, cientistas, estudantes, curiosos, mas também a população de Boticas, cada vez mais atenta e interessada nas actividades culturais que temos vindo a realizar.

Com estas duas iniciativas pretendemos colocar o Concelho mais uma vez nas “Alturas” da Cultura, com uma realização que marca o aprofundar de um período tão rico e de influência directa no advir de Portugal.

Nesta ocasião serão apresentadas as Actas do Colóquio Internacional “Guerreiros Castrejos – Deuses e Heróis nas Alturas do Barroso”, tal e qual como pretendemos venha a acontecer com as Comunicações que serão feitas neste Colóquio, de modo a constituírem uma importante fonte de estudo, não só para aqueles que se dedicam ao estudo do tema, mas também para o público em geral.

Aqui expressamos os nossos votos para que o Colóquio e a Exposição tenham o maior interesse científico e cultural e contribuam para o desenvolvimento e estudo do tema, e que todos aproveitem para apreciarem o que de mais belo e bom existe nestas Terras de Boticas.



O Presidente da Câmara Municipal de Boticas
Fernando Campos



BOTICAS NO TECTO DO MUNDO

MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS NA 2ª IDADE DO FERRO

SÉC. IV/V A.C. AO SÉC. I

No amplo quadro da Proto-História, a II Idade do Ferro ocupa a última fase, iniciando-se na segunda metade do I milénio a.C., mas com ritmos diferenciados no Noroeste da Península Ibérica. O ciclo fecha-se com a conquista romana do espaço da *Hispania* ainda por dominar, na sequência das campanhas dirigidas pelo futuro imperador Augusto.

Antes do domínio romano as comunidades da II Idade do Ferro do Noroeste habitavam predominantemente povoados fortificados (instalados em cumes) designados como castros, o que deu origem à denominação Cultura Castreja. Todavia as áreas intra-muros dos povoados, os sistemas defensivos, a estrutura interna e a cultura material variam muito conforme as regiões.

Assim a expressão Cultura Castreja não corresponde a uma realidade homogénea pois abrange grandes diversidades regionais. Alguns dos ícones da Cultura Castreja mais conhecidos, como a ourivesaria, têm uma ampla área de dispersão enquanto outros se concentram na zona da *Callaecia* meridional, como por exemplo os guerreiros.

Sobre a génese e evolução da chamada Cultura Castreja tem-se escrito muito, existindo uma bibliografia infindável desde que o fundador dos estudos, Francisco Martins Sarmiento, realizou as primeiras escavações na Citânia de Briteiros em 1876. As diversas propostas sobre as origens dos povos e da cultura material continuam a ser muito discutidas. Por exemplo a influência dos Celtas, defendido por uns é questionada por outros autores que não encontram na cultura material dos castros do Noroeste provas da influência daqueles povos. Deste modo muitos investigadores perfilham a tese de que houve uma evolução endógena das culturas do Noroeste Peninsular, embora com influências mediterrânicas e continentais.

Esta breve exposição relativa à II Idade do Noroeste Peninsular inclui diverso material, cedido por várias entidades.

O armamento exposto cinge-se a um capacete, um fragmento de outro, uma falcata e a um umbo de escudo. O capacete que se pode observar é uma réplica do que foi descoberto no concelho da Póvoa de Lanhoso, na base do Castro de Lanhoso, quando se rompeu uma estrada que permitia o acesso ao cume do batólito granítico onde hoje se ergue o Castelo medieval. Antes disso existiu no cume uma fortificação tardo-romano a qual, por sua vez, se instalou sobre a acrópole do povoado da Idade do Ferro. O original do capacete está na exposição permanente do Museu de D. Diogo de Sousa, em Braga. Trata-se de uma peça cujo grau de conservação é notável, ilustrando o modelo que seria usado pelas elites dos grandes castros da região. Todavia, considerando o seu estado é fácil deduzir que não foi utilizado em combate tendo, talvez, sido intencionalmente produzido para festas ou rituais cujo significado desconhecemos ou, mesmo, para cerimónias públicas. A generalidade dos autores data estes capacetes dos finais do I milénio a.C. De alguns breves apontamentos sobre o contexto do achado pode deduzir-se, embora com reservas, que integrava um depósito funerário, o qual também incluía três torques em ouro.

As falcatas são armas típicas da II Idade do Ferro em particular da zona da *Callaecia* Meridional, pois na zona Norte predominam as espadas de antenas. Pensa-se que as falcatas teriam origem na área ibérica da Península, onde também são frequentes. Na verdade no Noroeste o número de armas identificadas é muito escasso, seja porque os solos são pouco favoráveis à conservação dos metais, seja porque não foram detectadas necrópoles, onde normalmente os elementos da cultura material são colocados intactos nos túmulos. A falcata era uma arma destinada ao combate corpo a corpo, na segunda fase das batalhas, quando os bandos inimigos se envolviam directamente. Com lâmina curva, tinham num cabo robusto que poderia ser decorado. Nesta exposição pode ser observada a falcata encontrada por um particular na base do Monte de Frades* um povoado fortificado romanizado do Alto Cávado.

Outro elemento que pode ser observado é um umbo de escudo. Esta peça emprestada pelo Museu de

Abade Pedrosa (Santo Tirso) é singular pois não pertencia ao tipo de escudo redondo mais frequente no Noroeste, de acordo com o relato de Estrabão, as estátuas dos guerreiros galaicos e as imagens registadas nas rochas do vale do Douro e do Côa. Este umbo integrava um escudo rectangular talvez de influência continental.

As imagens gravadas nas rochas em xisto de Foz Côa datáveis da Idade do Ferro, são extremamente interessantes porque representam cenas de combate entre guerreiros, utilizando escudos e armas muito semelhantes às que foram descritas por Estrabão nos parágrafos em que se refere aos Lusitanos e de um modo geral aos povos do Norte da Península Ibérica. A par das representações que aparentam ser combates individuais, há outras rochas em que se distinguem cenas de caça. As gravuras de cavaleiros, alguns deles empunhando lanças, são frequentes. Mais numerosas e assinalando a última fase do ciclo de arte rupestre da Idade do Ferro de Foz Côa encontram-se falcatas isoladas sem relação com cenas ou figuras humanas.

Outro elemento que pode ser associada á guerra é a réplica de uma cabeça em granito, proveniente do concelho de Mangualde, admitindo-se que fizesse parte de uma estátua.

Integram a exposição fotografias dos torques da Póvoa do Lanhoso cujos originais tal como o capacete, integram a exposição permanente do Museu de D. Diogo de Sousa. Enquadram-se num tipo muito comum de torques, com o aro interno em bronze. A decoração das extremidades é classificada como em dupla escócia. A generalidade dos investigadores que estudam a ourivesaria da II Idade do Ferro consideram que a cronologia destes elementos é relativamente tardia, podendo ser datáveis dos séculos II e I a.C. ou mesmo já dos começos do domínio romano. Considera-se que os torques seriam jóias usadas pelos guerreiros, uma vez que são um dos motivos que ornamentam as estátuas em granito. Todavia também há uma pequena estatueta feminina recolhida na Citânia de Briteiros na qual se distingue um torque. Por outro lado o diâmetro da peça de Lanhoso não parece compatível com o seu uso por guerreiros musculados pelo exercício das armas e confrontos. Tal como em relação ao capacete será necessário colocar a hipótese de serem artefactos de uso simbólico, pelo que a questão do diâmetro seria de menor importância.

Os moldes de sítula fazem parte de uma série de mais de duas dezenas recolhidos numa escavação arqueológica em Braga, na zona cimeira da antiga cidade romana. Estes moldes em cerâmica permitiam fabricar placas metálicas decoradas que eram juntas de maneira a formarem um único vaso. Estes vasos em bronze, por vezes também designados como caldeirões, eram utilizados em cerimónias sagradas ou profanas, em banquetes de iniciação, fúnebres, ou que celebravam uma aliança entre duas linhagens ou *populi*. O seu modelo não variava muito, incluindo a decoração, encontrando-se moldes de sítula muito semelhantes ao longo de toda a fachada atlântica da Península. Por outro lado também os seus parâmetros cronológicos são latos pois estendem-se desde o século V/IV a.C. até ao século I d.C. Têm sido descobertos quer em povoados de grande dimensão quer em pequenos castros, no vale do rio Sil, por exemplo. Mas não só. A descoberta em *Bracara* de uma quantidade tão elevada de moldes pode indicar que neste local se exercia a metalurgia, mas também que terá sido um local sagrado dos *Bracari*, sobre o qual mais tarde foi erguida a cidade sede do *conventus (Bracara Augusta)*. Uma das peças desta exposição mais interessante é o lintel da Citânia de Briteiros, decorado com estilo geométrico e gravado com uma inscrição latina. Tanto quanto se pode deduzir dos estudos arqueológicos nem todas as portas das construções de Briteiros eram decoradas, pelo que se pode considerar que essa circunstância indicava que a família residente na unidade doméstica se destacava pela sua relevância social. Existem na Citânia vários lintéis ou padieiras com decorações. No entanto só algumas delas possuem inscrições latinas. No caso do elemento arquitectónico exposto observa-se o anagrama da família do *Camali*, que aliás também se encontra em cerâmica. Os *Camali* parecem ter habitado várias unidades domésticas contíguas localizadas no topo da Citânia onde foram descobertas os lintéis, numa zona voltada a nascente. Provavelmente encimavam a entrada para a unidade doméstica. De acordo com alguns especialistas o nome *Camalus*, também gravado na rocha aplanado do pátio, seria de origem céltica e podendo significar "batalha". No entanto entre os objectos recolhidos na zona onde viveriam os *Camali* nunca foram encontradas armas ou outros artefactos relacionados com actividade guerreira. De qualquer modo é inegável que os *Camali* foram uma família influente no governo da Citânia de Briteiros e, mesmo, posteriormente no quadro de *Bracara Augusta*.

Outro elemento arquitectónico que pode ser observado nesta exposição é um fragmento de uma Pedra Formosa, neste caso parte da base. Esta Pedra Formosa, decorada com exuberância fazia parte



de uma estrutura de banhos castrejos descoberta em Quintães (Póvoa de Lanhoso) mas que foi destruída pela máquina que operava na pedreira onde o monumento jazia. O nome Pedra Formosa designa a laje de granito que separava o compartimento de sauna da sala intermédia que abria para o átrio e onde normalmente existia um tanque com água fria corrente. A pequena abertura na base da Pedra Formosa permitia a passagem de uma pessoa deitada, evitando por outro lado a saída do calor e do vapor produzido no forno, onde se lançava água fria sobre pedras ao rubro. Os banhos de Quintães dos quais só restam os fragmentos da Pedra Formosa seriam por certo imponentes, a avaliar pelas dimensões daquele elemento. Estavam associados ao Castro de Calvos, um dos grandes povoados implantados ao longo do vale do Ave, entre zona da foz e a as cabeceiras do rio, nas vertentes meridionais da Serra da Cabreira.

O pequeno vaso de cerâmica ilustra uma pequena série de peças, encontradas em vários castros, com uma forma muito específica sendo consideradas urnas funerárias. Efectivamente no interior num destes pequenos vasos foram recolhidos dois brincos em ouro, ou arrecadas. De acordo com os dados disponíveis sobre as circunstâncias do achado terá sido encontrado sob o lajeado de uma construção da Citânia de Briteiros. Uma vez que não se conhecem no Noroeste necrópoles associadas aos castros, de um modo geral os investigadores entendem que o ritual de cremação seria predominante e que as cinzas eram colocadas em pequenas urnas, enterradas no perímetro interior das próprias unidades domésticas. A urna está exposta no Museu da Cultura Castreja (Sociedade de Martins Sarmento). Os pequenos machados em bronze, cedidos pela Sociedade Martins Sarmento, têm sido habitualmente classificados como votivos, devido às suas dimensões. Todavia por que não se conhece o contexto exacto da origem da peças pelo não é possível dizer-se se estaria relacionada com rituais sagrados ou funerários.

Os baixos relevos de Frende, Baião, cedidos pelo Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), representam uma cena mitológica e são tardios, de uma fase posterior, da época romana. Todavia são interessantes porque evocam a importância da mitologia que desde a Proto-História teve especial importância como conjunto de narrativas em que se reviam as comunidades. De um modo geral muitos dos aspectos da religiosidade proto-histórica conservaram-se durante o domínio romano e mantiveram-se mesmo no quadro do cristianismo apesar dos esforços das autoridades religiosas como S. Martinho de Dume que no século V d.C. escreveu o célebre opúsculo *De Correctione Rusticorum*. Trata-se de um documento muito interessante porque tenta disciplinar os costumes pagãos, muito deles seculares.

MAIO 2009
FRANCISCO SANDE LEMOS



MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS DA SEGUNDA IDADE DO FERRO

A Segunda Idade do Ferro em Portugal consubstancia-se em realidades distintas, consoante a localização geográfica e de acordo com diversas cronologias.

Tal facto reflecte-se na organização do povoamento e cultura material, produtos de povos distintos que assimilaram influências das culturas materiais de outros povos, introduzidas quer por via marítima, quer por via terrestre.

As cronologias existentes traduzem perspectivas diferentes de analisar a rede de povoamento, exploração de recursos económicos, produção e circulação de produtos, avaliando factores políticos e socioeconómicos. Assim sendo, a Segunda Idade do Ferro integra-se nas seguintes fases para o Norte de Portugal:

- J. Alarcão (1992: 38): 2ª fase – 600-100 a.C. e 3ª fase a partir de 100 a.C.;

- M. Martins: 2ª fase – 600/500 a.C. a finais de 100 a.C., 3ª fase de finais de 100 a.C. a cerca de 50 d.C. (in Alarcão, 1992: 42);

- A.C.F. Silva (2007: 84): fase II A – 500 a 200 a.C., fase IIB – de 200 a 140 a.C., fase IIIA de 140 a.C. a finais do séc. I a.C., e fase IIIB de fim do séc. I a.C. à época dos Flávios.

Apesar das especificidades regionais e conjunturais existentes (Vilaça, 1992: 73), existe uma certa uniformidade na cultura material do Norte de Portugal, que se pode observar (González-Ruibal, 2004: 114):

- na escultura: estátuas de guerreiros, esculturas antropomórficas, e decoração arquitectónica, seja esta doméstica ou de balneários (pedras formosas);

- na ourivesaria, compreendendo torques, braceletes, arrecadas;

- no trabalho do bronze, nomeadamente através da produção de sítulas, machados votivos, carros cerimoniais e capacetes;

- na cerâmica.

As influências do mundo mediterrânico e centro-europeias estão patentes quer nas decorações, quer nas tecnologias utilizadas.

Em finais do séc. II a.C. com a emergência de lugares centrais, como Briteiros, Sanfins e Outeiro Lesenho, verificando-se um fenómeno de crescente complexificação social, inerente a uma hierarquização e individualização de chefes políticos e/ou guerreiros, podendo começar a existir uma tomada de consciência do que é a própria sociedade e o local onde se encontra estabelecida, a tal ponto que urge o fazer-se representar diante de outrem com o objectivo de distinção. Um dos meios de o conseguir é através de bens de luxo que prestigiem as elites que os adquirem, como sejam as jóias, parte integrante dos mecanismos de dom e troca.

MAIO 2009

CARLA MARIA BRAZ MARTINS

BIBLIOGRAFIA

Alarcão, J. de (1992) – A evolução da cultura castreja. *Conímbriga* 31. Conímbriga. 39-71.

González-Ruibal, A. (2004) – Artistic expression and material culture in celtic Gallaecia. *E-Keltoi* 6. 113-166.

Martins, C.M.B. (2008) – *As influências mediterrânicas na ourivesaria proto-histórica de Portugal*. Ediciones EDAR: Barcelona. Colección eBooks EDAR.

Silva, A.C.F. (2007) – *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª edição. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira / Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.

Vilaça, R. (1992) – Comentário: A evolução da cultura castreja. *Conímbriga* 31. Conímbriga. 73-83.

1 - MÉTOPA DE FRISO COM REPRESENTAÇÃO DE UMA GIGANTOMAQUIA



Essa placa de granito com relevos numa das faces representando o confronto entre dois personagens. Estes apresentam-se nus, sentados, e enfrentam-se, segurando o da esquerda com ambas as mãos o braço esquerdo do personagem da direita enquanto este apoia o cotovelo direito no chão. Trata-se provavelmente de o esboço de uma gigantomaquia ou combate entre os deuses do céu e os gigantes. O orifício na lage indicará ter esta pedra servido talvez de suporte à tranca de uma padieira de porta. Este tipo de tema iconográfico documenta, juntamente com os outros dois testemunhos materiais encontrados igualmente em Frende, actos que se realizavam nos templos e a sua representação é frequente (quasi obrigatória) nos frisos dos templos.

Trata-se de um trabalho rude, de cariz provincial. A pequena dimensão da placa, a dificuldade de trabalhar o granito, a simplicidade e esquematismo do programa iconográfico a que se junta a imperícia do escultor, não permitiu a representação deste tema com aquele mínimo de qualidade que é vulgar na arte clássica.

Procedência: Frende, Baião

Época / Período Cronológico: Época Romana

Século(s): III d.C. - IV d.C.

Dimensões

Altura (cm): 45,5

Espessura (cm): 19,5

Comprimento (cm): 77,1

Referências Bibliográficas

- ALARCÃO, Jorge de, Sondagens arqueológicas em Frende, Baião, Archeologica Opuscula O Domínio Romano em Portugal, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1988, p. 198.
- VASCONCELOS, José Leite de, História do Museu Etnológico Português (1893-1914), Lisboa, Imprensa Nacional, 1915, p. 197 e 310
- VASCONCELOS, José Leite de, Religiões da Lusitânia, vol.III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1913, p. 474 e 483
- SOUSA, Vasco de, Corpus Signorum Imperii Romani - Corpus der Skulpturen der Römischen Welt - Portugal, Coimbra 1990, p. 52, n. 145
- CARDOSO, Mário, Catálogo do Museu de Arqueologia Martins Sarmento, Guimarães 1935, p. 144
- Subsídios para um Catálogo da Escultura Luso-Romana”, dissertação de licenc. apresentada à F.L.L.
- GONÇALVES, Luís Jorge Rodrigues, Escultura romana em Portugal: uma arte do quotidiano., 2 Vols., Tese de Doutoramento, Mérida, Junta da Extremadura, 2007, 447 a 449 e 127

Depósito: MNA (Inv. 994.27.2)

* Peça gentilmente cedida pelo Museu Nacional de Arqueologia - Lisboa



2 - MÉTOPA DE FRISO COM REPRESENTAÇÃO PROCESSIONAL



Essa placa de granito com relevos numa das faces representando uma procissão. O painel apresenta quatro personagens de pé, e em fila, estando o primeiro da esquerda voltado para os outros que caminham de frente para ele. O primeiro veste túnica até aos pés, e cruzando os braços, aperta nas suas mãos levantadas as do personagem seguinte. Este enverga saio pelos joelhos e é seguido por dois outros que trajando vestes talares apoiam as mãos nos ombros do vizinho fronteiro. Os personagens cobertos de vestes compridas parece terem na cabeça um carrapito, ou o que é mais provável, um manto com que cobriam o crânio. Trata-se de um cortejo iniciático em que o personagem de saio curto é precedido e seguido de oficiantes envergando vestes talares que o conduzem ao local da iniciação. A condução de animais para o sacrifício e as procissões documentam actos que se realizavam nos templos e a sua representação é frequente (quasi obrigatória) nos frisos dos templos helenísticos, assim como as gigantomaquias celebrando o triunfo dos "numina" benéficos sobre as forças da desordem e do mal incarnados pelos gigantes. Trata-se de um trabalho rude de cariz provincial. A pequena dimensão da placa, a dificuldade de trabalhar, a simplicidade e esquematismo do programa iconográfico a que se junta a imperícia do escultor não permitiram a representação deste tema com aquele mínimo de qualidade que é vulgar na arte clássica. (Segundo ficha do Catálogo de Escultura Romana do MNA, da autoria de José Luis de Matos).

Procedência: Frende, Baião

Época / Período Cronológico: Época Romana

Século(s): III d.C. - IV d.C.

Dimensões

Altura (cm): 48

Espessura (cm): 26

Comprimento (cm): 68,5

Referências Bibliográficas

- ALARCÃO, Jorge de, Sondagens arqueológicas em Frende, Baião, *Archeologica Opuscula O Domínio Romano em Portugal*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1988, p. 198.
- VASCONCELOS, José Leite de, *História do Museu Etnológico Português (1893-1914)*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1915, p. 197 e 310
- VASCONCELOS, José Leite de, *Religiões da Lusitânia*, vol.III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1913, p. 474 e 483
- SOUSA, Vasco de, *Corpus Signorum Imperii Romani - Corpus der Skulpturen der Römischen Welt - Portugal*, Coimbra 1990, p. 52, n. 145
- CARDOSO, Mário, *Catálogo do Museu de Arqueologia Martins Sarmento*, Guimarães 1935, p. 144
- *Subsídios para um Catálogo da Escultura Luso-Romana*, dissertação de licenc. apresentada à F.L.L.
- GONÇALVES, Luís Jorge Rodrigues, *Escultura romana em Portugal: uma arte do quotidiano.*, 2 Vols., Tese de Doutoramento, Mérida, Junta da Extremadura, 2007, 447 a 449 e 127

Depósito: MNA (Inv. 994.27.3)

* Peça gentilmente cedida pelo Museu Nacional de Arqueologia - Lisboa

3 - ESTELA COM A REPRESENTAÇÃO DE UM INDIVÍDUO



Esta estela é uma escultura rude e tosca, representando um indivíduo do sexo masculino empunhando, na mão direita, um instrumento de difícil interpretação. A outra mão encontra-se pousada sobre o peito.

Este baixo-relevo tem cerca de 0,75cm de altura e foi esculpido num granito regional de grão grosseiro. Em exposição no Núcleo Museológico do Castelo de Lanhoso

* Peça gentilmente cedida cedida pela Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso.



4 - CAPACETE DE LANHOSO



Pelas características e condições em que foi encontrado este exemplar, em exposição no Núcleo Museológico do Castelo de Lanhoso, pode ser datado da Idade do Ferro. É feito em bronze, encontra-se decorado e foi encontrado no segundo quartel do séc. XX.

Tem forma cónica e termina com um espigão agudo no topo, do qual cai uma corrente que se prende noutra ponta, dando a ideia de um prolongamento do tipo viseira. O facto de se encontrar decorado ainda atesta mais a sua raridade.

Trata-se de um objecto em metal utilizado em campanhas militares e tinha como principal função a protecção craniana do guerreiro. Podiam ser feitos em couro, ferro/cobre ou malha e protegiam os chefes guerreiros em combate. Ao evoluir, o elmo surge com protecção específica para o pescoço, para o nariz e viseira. Este capacete de Lanhoso é indicado como sendo o primeiro deste género a ser descoberto em Portugal.

* Peça gentilmente cedida pela Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso

5 - ESPIGÃO DE CAPACETE DO CASTRO DA MOGUEIRA (S. MARTINHO DE MOUROS/RESENDE)



O LOCAL

Em 1986, fomos contactados pelo nosso aluno e colaborador Luís Coutinho Amaral¹ no sentido de observarmos uma peça, em bronze, aparecida no Castro da Mogueira.

Este povoado fortificado situa-se junto a uma curva do Rio Douro, a Nordeste da freguesia de S. Martinho de Mouros, concelho de Resende, distrito de Viseu (fig. 1), Com o n.º 866 do inventário de Armando Coelho Ferreira da Silva², havia já sido objecto de uma referência por parte de J. Leite de Vasconcelos³ e de um estudo epigráfico de Vasco Mantas⁴ a propósito de uma inscrição votiva gravada num penedo.

Aqui se encontram frequentemente fragmentos de cerâmica indígena e romana, mós, escória e eventualmente, uma ara e um «tesouro» de moedas.

O povoado situa-se a uma cota de 450 metros e possui apreciável conjunto de defesas, naturais e artificiais. A sua situação estratégica, o escarpado das suas vertentes e as três linhas de muralha que ostenta, conferem-lhe posição de relevo no controle e defesa de uma boa parte do curso do Douro.

Na parte cimeira, com abundantes afloramentos graníticos, várias construções curiosas. Uma cavidade artificial, dotada de uma escada de acesso talhada na rocha, cujo tecto abateu e onde, segundo Leite de Vasconcelos, teria aparecido um tesouro de moedas romanas. Um conjunto de plataformas escavadas num afloramento, assemelha-se a alguns dos «santuários» existentes em Castros, ou em contexto castrejo, no Noroeste peninsular, como por exemplo os do Castelo do Mau Vizinho (Chaves), Castro de Ribas (Valpaços), Vilar de Perdizes (Montalegre) e Carfe {Póvoa de Lanhoso}⁵.

Articulando-se possivelmente com este conjunto, existe uma «estrutura» quadrangular, parte talhada na rocha e parte com muro de pedra, recoberta, interiormente, por *opus signinum*, com alguns grafitos de leitura difícil⁶ e que se desenvolve em profundidade e não acima do solo.

Foi exactamente junto a esta estrutura que se descobriu, num dos vários montículos de terra que atestam a actividade dos buscadores de «tesouros», a objecto que se descreverá de seguida.

¹ Agradecemos penhoradamente ao Luís Coutinho Amaral a amizade e a desinteressada colaboração, e á Dr.ª Maria Antónia Silva, investigadora do Instituto de Arqueologia da Universidade Portuguesa, o magnífico desenho desta peça (fig. 2). Os desenhos dos espigões da fig. 3 foram extraídos da dissertação de doutoramento de Armando Coelho Ferreira da Silva (ver nota 2).

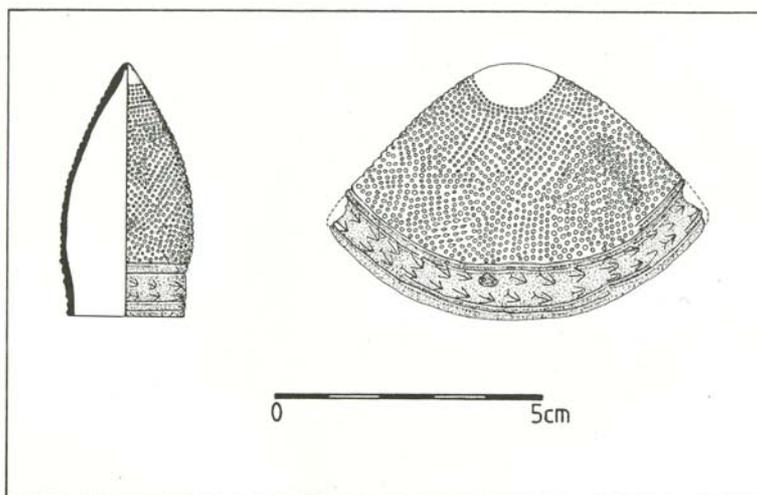
² Armando Coelho Ferreira da Silva, *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, 1986, pág. 105.

³ José Leite Vasconcelos, *A Mogueira*, "Archeólogo Português", I, 1895, pp. 9-10.

⁴ Vasco Mantas — *A inscrição rupestre da Estação Luso-Romana da Mogueira (Resende)*, "Revista de Guimarães", XCIV, 1984, pp. 361 - 370.

⁵ A.C.F. Silva, *op. cit.* pags. 301-302 e Bibliografia.

⁶ V. Mantas, *op. cit.* Pag. 304.



O ESPIGÃO

A peça que se ilustra na figura e que classificamos como um espigão de capacete, foi encontrada em Dezembro de 1985 por Luís Coutinho Amaral, quando realizava uma prospecção de terreno para elaboração de um trabalho académico. Foi descoberta, juntamente com cerâmica castreja decorada e fragmentos de escória, num pequeno monte de terra proveniente, com toda a certeza, do interior da estrutura atrás referida.

Tem de altura 48 mm e de diâmetro 22 mm. Muito bem conservado, com patina característica, possui um esquema decorativo tripartido. Na parte superior, até cerca de 6/8 mm, uma faixa lisa. Depois, até aos 38 mm, uma banda com um «picotado» esférico, algo irregular, sem linearidade aparente. Finalmente o terceiro elemento decorativo é constituído por duas fiadas de «setas», oblíquas, com a ponta inclinada para as 4 horas, colocadas entre dois grupos de duas incisões paralelas.

Dentro da peça, após a sua limpeza, foi descoberto um fragmento de bronze, igualmente bem conservado e patinado, com cerca de 20 mm, possuindo uma das extremidades ligeiramente encurvada. Assemelha-se a um fusilhão de fíbula anular, embora, dado estar fragmentado nas duas extremidades, possa tratar-se também de um cravo ou objecto semelhante.

Conhecendo bem os Capacetes de Castelo de Neiva⁷, imediatamente associámos a peça em apreço com os espigões que os encimam.

Se bem que, no aspecto decorativo, não tenhamos encontrado paralelos na Bibliografia consultada⁸, no que toca à forma geral o espigão da Mogueira apresenta semelhanças com o do capacete de Lanhoso (fig. 3.1) e com os de Neiva (fig. 3,2 e 3).

Muito embora não se veja o habitual apêndice semi-circular, uma falha existente no metal poderá significar que foi arrancado.

Obedecendo ao mesmo tipo de esquema formal, apresentando dimensões que o colocam entre Neiva II e Lanhoso e atendendo às semelhanças, pensa-se poder adiantar, ao menos como hipótese de trabalho, que se trataria de um espigão de capacete tipo Montefortino B, associável com a Fase III da periodização que A.C.F. Silva apresenta para a Cultura Castreja⁹ e que vai das campanhas de D. Júnio Bruto (138/136 a.C.) até ao início da dinastia dos Flávios (69 d.C.).

Fica, assim, uma vez mais demonstrada a necessidade de proceder a sondagens arqueológicas naquele local e a um estudo de campo e de gabinete devidamente estruturado pois a Mogueira ocupa, com toda a certeza, um lugar de destaque na Arqueologia Castreja (e Romana?) da margem Sul do rio Douro.

OSÉ AUGUSTO MAIA MARQUES

⁷ Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Dois capacetes e três copos em bronze de Castelo de Neiva*, "Galicacia", 6, 1980, pp. 245-255.

⁸ De entre as quais se destacam:

A.C.F. Silva, op. cit. pp. 181-184, 205-206 e Ests. XCII-XCV; H. R. Robinson, *The Armour of Imperial Rome*, Londres, Armour Press, 1975, cap. II; J.A. Abásolo e F. Perez Rodriguez, *El casco céltico de Gotorrta*. «Boletim del Seminário de Estudios de Arte y Arqueología», 46, 1980, pp. 93-114.

⁹ A.C.F. Silva, op. cit., pags. 43-53, 66-67 e 315-316.

6 - FALCATA DE FRADES (MONTALEGRE)



Entre os elementos mais relevantes da Proto-História do concelho de Montalegre encontra-se, sem dúvida, a falcata de Frades.

A falcata é um tipo de espada curta, normalmente em ferro, de origem ibérica, com lâmina curva. O cabo tem o formato de um gancho e podia ser ornamentado com diversos motivos, designadamente zoomorfos ou antropomorfos.

A falcata de Frades está fracturada na zona do cabo e na ponta. Tem 51 cm de comprimento, 45 cm de lâmina, 7 cm de largura máxima, 0,8 cm de espessura e pesa 668 gramas. É decorada na parte superior do gume, onde são visíveis 4 nervuras paralelas.

A arma foi ocasionalmente descoberta por um particular, na vertente Sul do Castro de Frades, já fora do perímetro muralhado. Estava enterrada a poucos centímetros de profundidade, entre as raízes de uma árvore. É uma peça que se encontra em boas condições de conservação, embora bastante oxidada, talvez porque esteve pouco exposta ao ar livre o que está de acordo com o relato do achador. No entanto seria importante investigar, de forma mais precisa, o contexto em que foi encontrada.

O Castro de Frades é um esporão escarpado, com ténues vestígios de uma linha de muralha e com um profundo fosso do lado Oeste, actualmente usado como caminho. O povoado está recoberto com densa vegetação o que impede uma análise mais detalhada da sua estrutura. No interior do castro encontram-se fragmentos de olaria da Idade do Ferro e da época romana. No sopé e junto ao topónimo Cidade são visíveis fragmentos de cerâmica comum e de materiais de construção romanos.

As falcatas têm uma vasta área de dispersão na Península Ibérica e a sua cronologia varia entre os séculos V a.C. e I a.C. De um modo geral a sua configuração e os motivos decorativos são bastante homogéneos, o que leva alguns investigadores a considerar que apenas um escasso número de artífices as fabricasse para as elites dirigentes dos povoados. Era uma arma muito eficaz, que se destinava ao combate corpo a corpo, sendo mais frequente na *Callaecia* meridional, enquanto que a Norte, na zona de Lugo predominam as espadas de antenas. Têm sido descobertas tanto em contextos habitacionais como funerários e simbólicos.

Na arte rupestre da Idade do Ferro é um dos motivos gravados com mais frequência o que revela a sua importância nas sociedades proto-históricas.

CARLA CARVALHO

Câmara Municipal de Montalegre

* Peça gentilmente cedida pela Câmara Municipal de Montalegre



7 - UMBO DE ESCUDO COM ORIFÍCIOS NOS VÉRTICES PARA FIXAÇÃO COM CRAVOS



Constitui a única peça enquadrável no grupo de instrumentos classificáveis como equipamento militar. Do ponto de vista tecnológico, a peça foi elaborada por martelagem a partir de uma única folha através de estiramento progressivo. Apresenta um formato trapezoidal. A parte central é esférica e encontra-se fragmentada no centro. As aletas laterais desenvolvem um perfil trapezoidal e possuem orifícios nos vértices da fixação. Os escudos laténicos, datados do século III a.C. ao século I a.C., sofreram alterações que se reflectem na sua classificação. Ao contrário dos paralelos mediterrânicos e do noroeste da península, redondos ou curvos, o escudo laténico desenvolve uma morfologia elíptica da superfície plana, sustentada por uma nervura central saliente – spina. O alongamento do escudo e a aplicação do reforço implicaram a utilização do umbo como elemento de fixação da spina, de reforço de toda a estrutura e simultaneamente, de reforço da zona da empunhadura, para protecção da mão. A partir do século III, com a generalização da sua utilização, a variação morfológica dos umbos permitiu fixar uma tipologia evolutiva com correspondência cronológica (RAPIN 1991, 478-485). A sua classificação enquadra o modelo tardio de la Tène II, datável dos finais do séc. II, a meados do séc. I a.C., tendo recolhido opinião unânime dos autores que abordaram o seu estudo (ALMEIDA 1974 b, 15, est. I, n.º3; SOEIRO 1981, 239-240, est. I, n.º I SILVIA 1986, 205, est. XC, n.º6). Constitui uma peça única no noroeste peninsular e demarca – se claramente do tipo de escudos representados na estuária castreja. Os paralelos são provenientes de ambientes funerários, nomeadamente de Ampurias (ALMAGRO 1953, 309-310, 319), DA NECRÓPOLE DE Cabrera de Mataró (AGUILLÒ 1939-40, 78), e da representação do relevo de Osuna (Bellido 1947, 238, 243). A estuária revela também paralelos muito expressivos deste tipo de objecto, como, por exemplo, a estátua que representa um guerreiro gaulês armado de escudo de Mondragon (Vaucluse, Avignon) datada do séc. I a.C.

Procedência: Castro de Alvarelos/ N.ª Inv.ª - Alv.1952, s/n.ª, MMAP 256,

Dimensões

Comprimento (cm) - 14
Largura (cm) - 8,5
Altura (cm) - 2,5
Espessura máxima (cm) - 0,1
Peso - 280g

Bibliografia

- ALMEIDA, 1974b 15, est. I,3
- SOEIRO, 1981, 239-240, est. I, 1
- SILVA, 1986, 205, est. XC, 6
- MOREIRA, 1992, 34-47, est. 4

Depósito: MMAP (Inv. - Alv.1952, s/n.ª, 256)

* Peça gentilmente cedida pela Câmara Municipal de Santo Tirso

8 - CABEÇA DE GUERREIRO



Pode ter pertencido a uma estátua de Guerreiro de Idade de Ferro, semelhante às que aparecem associadas aos Castros do Norte do País; situado no lugar de Vale de Figueira podendo-se encontrar partindo da Igreja Matriz de Vale de Figueira, pelo antigo caminho para a Alta da Escrita. Os olhos são cavados e o nariz gravado. A boca nasceu de baixo relevo.

Cronologia: Idade do Ferro

Funcionalidade: Sócio-Religiosa

Matéria-Prima: Granito

Dimensões: 55 cm de comprimento por 32 cm de largura

Origem: Vale Figueira

* Peça gentilmente cedida pela Câmara Municipal Tabuaço



9 - MACHADINHA VOTIVA



Machado votivo (não é propriamente) um bipene por não ter os 2 gumes opostos.

Na folha cortante tem um ressalto e na parte inferior junto à boca do alvado, um pequenino anel saliente que apenas permite a passagem de um fio.

Rui Serpa Pinto afirma que este objecto era uma “bipene votiva de importação púnica ou etrusco-romana”. Seria dos séc. IV e III a. C.

Mário Cardozo não concorda que fossem moedas de troca e defende que talvez fossem apenas instrumentos de trabalho usados, por exemplo, na joalheria. Não lhes atribui, portanto, nenhum carácter votivo e seriam usados provavelmente, no pescoço.

Recolhido nas escavações de 1878, a 13 de Julho. Foi encontrado por Martins Sarmiento, que se interroga: “Seria uma insígnia em miniatura?”

Proveniência: Castro de Sabroso, Guimarães

Nº Inventário: MSA – 2587

Comprimento: 7,2 cm

Peso: 11,5 g

Matéria: Bronze

* Peça da Colecção da Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães

10 - MACHADINHA VOTIVA



Machadinha votiva. Recolhido nas escavações de 1934.

Proveniência: Citânia de Briteiros, S. Salvador de Briteiros, Guimarães

Nº Inventário: MSA – 2589

Comprimento: 8 cm

Peso: 21,2 g

Matéria: Bronze

* Peça da Colecção da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães



11 - VASO



Vaso de perfil em S, carenado, fundo raso em bolacha, pança rebaixada, colo desenvolvido e bordo lançado para o exterior. Pasta de cor beije de cerne cinzento, com areia fina e pouca mica; superfícies alisadas com engobe alaranjado. Manchas cinzentas de fogo, pelo exterior. Um grafito cruciforme perto do bordo. Feito à roda e cozedura boa.

Proveniência: Citânia de Briteiros

Nº Inventário: Brit.3003.152

Matéria: Cerâmica

* Peça da Colecção da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães

12 - LINTEL COM EPÍGRAFE



Proveniente das escavações realizadas por Martins Sarmento na Citânia de Briteiros, em 1876. Parece ser parte de uma padieira ornamentada, da porta de uma casa daquela Citânia. *Camalus* é um antropónimo considerado céltico, muito frequente nas inscrições da Citânia e em marcas figulinas.

Proveniência: Citânia de Briteiros, S. Salvador de Briteiros, Guimarães

Condições de aquisição: Escavações da Citânia de Briteiros de 1876

Leitura: *Camali*

Comprimento: 80 cm

Largura: 8 cm

Altura: 40 cm

Interpretação: De *Camalus*

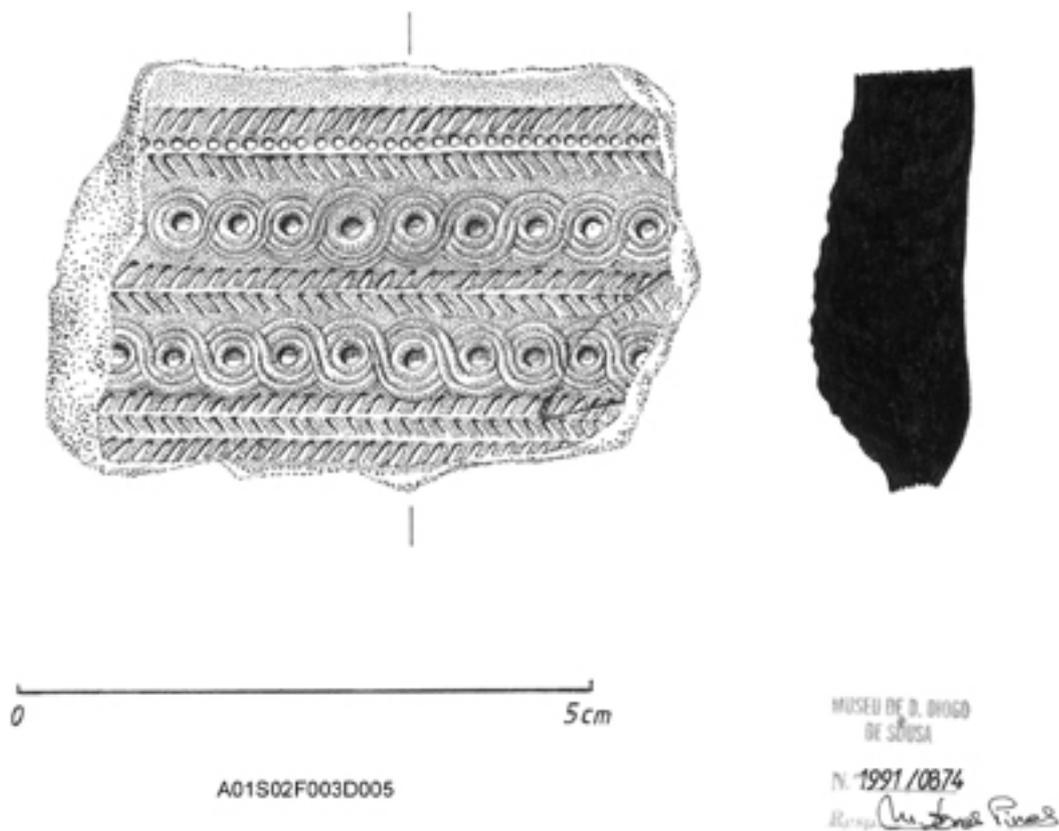
Matéria: Granito

Outras dimensões: Altura letras: 10 cm

* Peça da Colecção da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães



13 - MOLDE DE SÍTULA



N.º inventário: 1991.0874

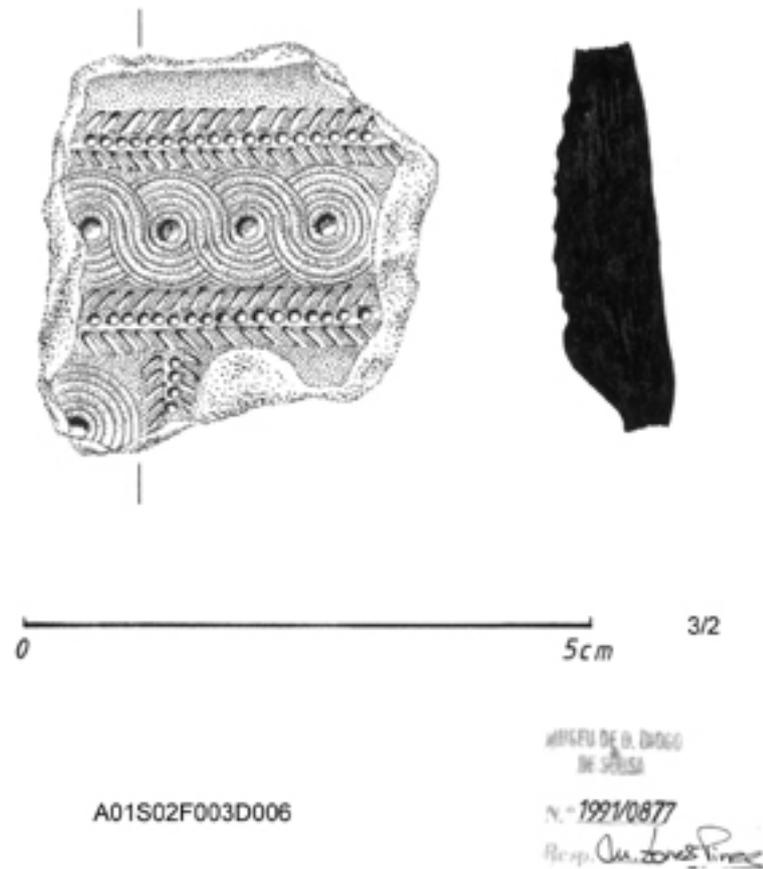
Altura: 37,5mm

Largura: 54mm

Espessura: 12mm

* Gentilmente cedido pelo Museu Arqueológico D. Diogo de Sousa - Braga

14 - MOLDE DE SÍTULA



N.º inventário: 1991.0877

Altura: 35mm

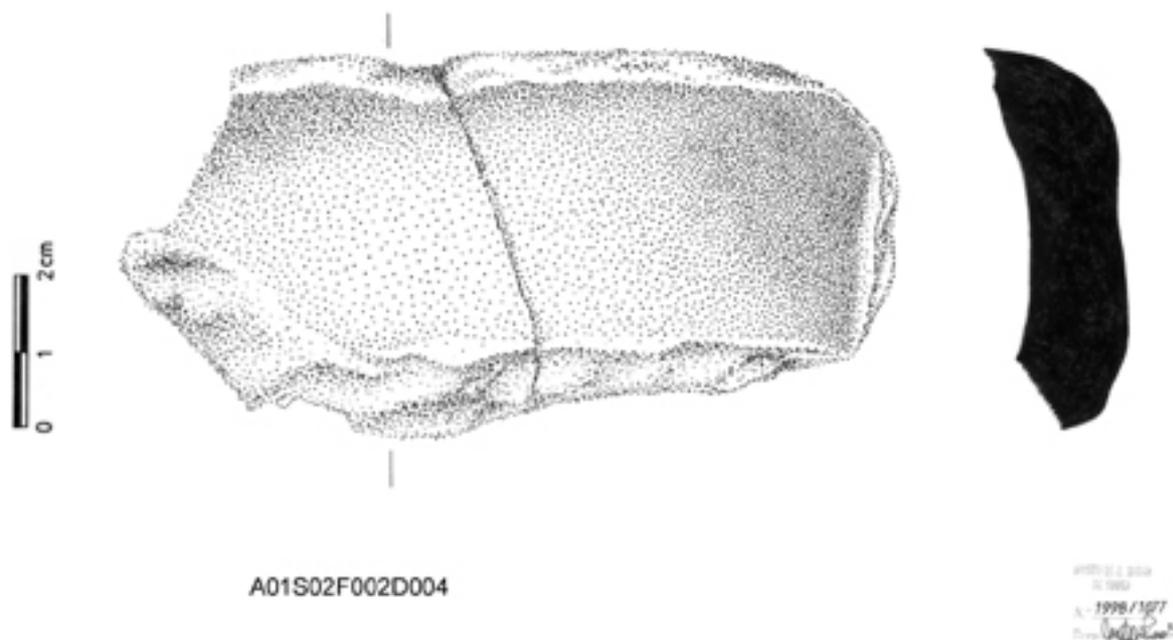
Largura: 34mm

Espessura: 9mm

* Gentilmente cedido pelo Museu Arqueológico D. Diogo de Sousa - Braga



15 - MOLDE DE SÍTULA



N.º inventário: 1998.1077

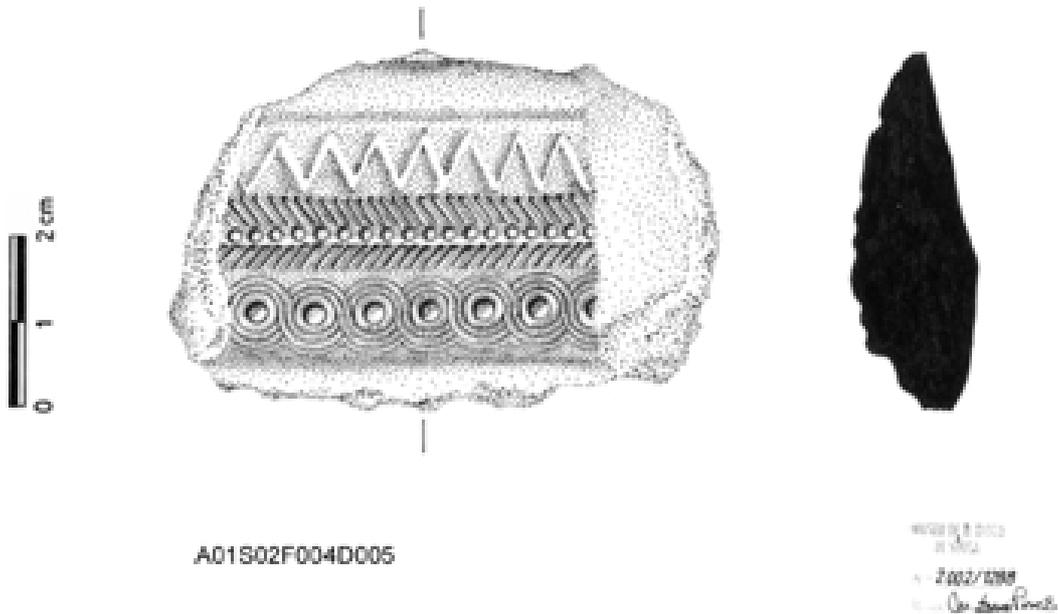
Altura: 100mm

Largura: 49mm

Espessura: 14mm

* Gentilmente cedido pelo Museu Arqueológico D. Diogo de Sousa - Braga

16 - MOLDE DE SÍTULA



N.º inventário: 2002.1288

Altura: 42mm

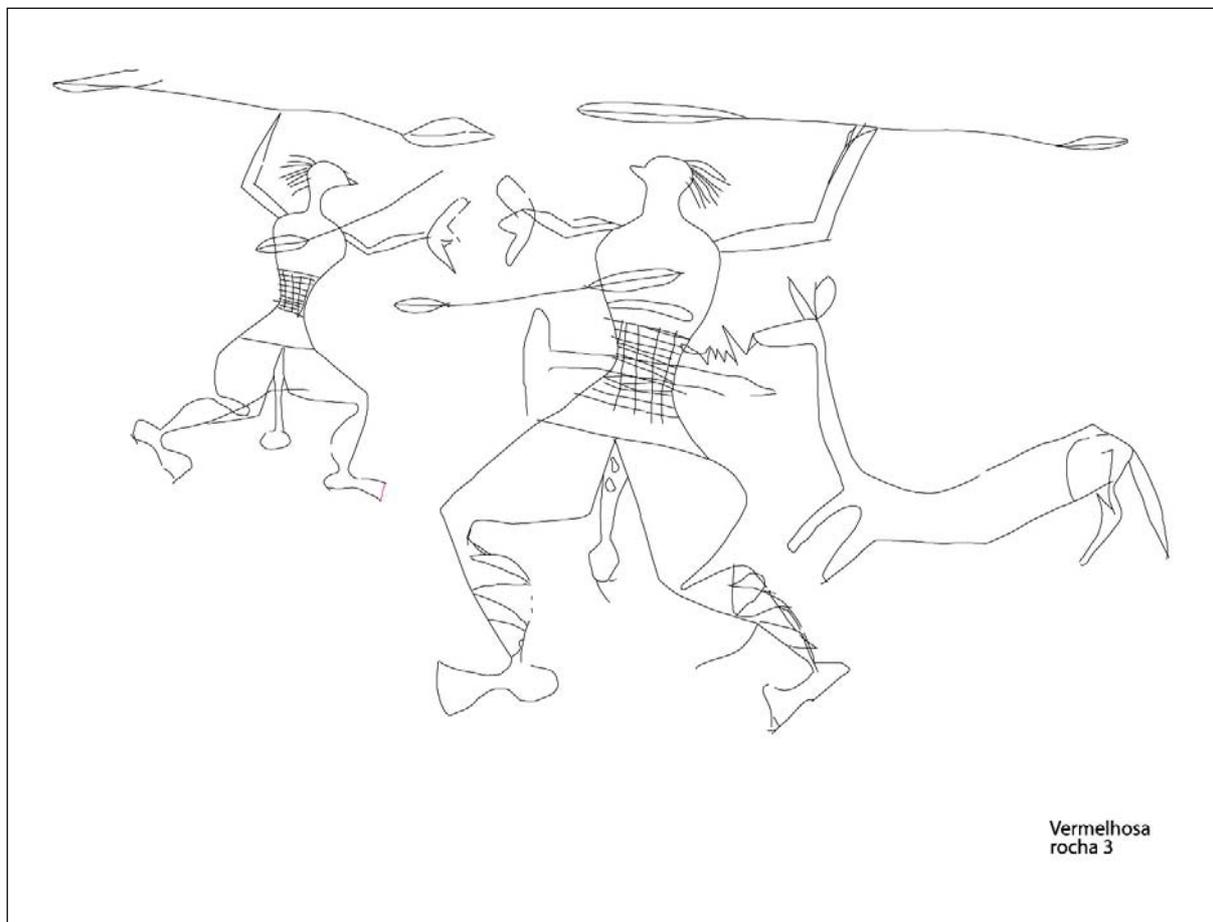
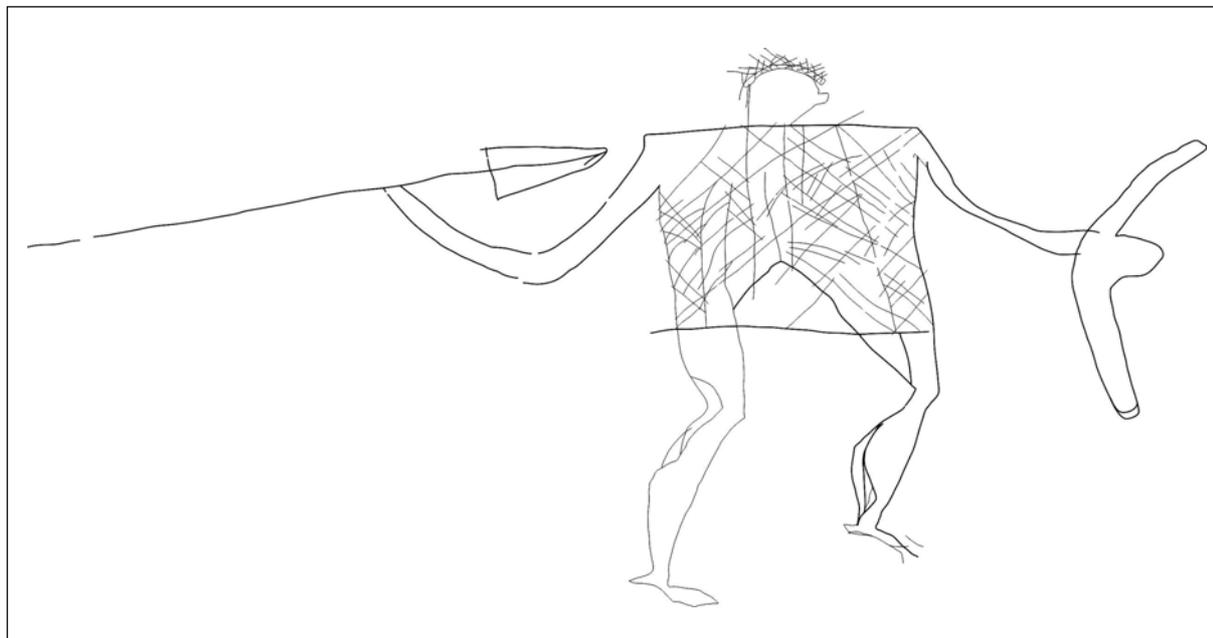
Largura: 62mm

Espessura: 12mm

* Gentilmente cedido pelo Museu Arqueológico D. Diogo de Sousa - Braga



17 e 18 - GRAVURAS DA IDADE DO FERRO DOS VALES DO DOURO E DO CÔA



19 e 20 - GRAVURAS DA IDADE DO FERRO DOS VALES DO DOURO E DO CÔA

